

# EXPEDITO SEBASTIÃO DA SILVA

## POETA-ARTESÃO

### DE JUAZEIRO DO NORTE

**A**lgo surpreende e seduz no poeta popular Expedito Sebastião da Silva. Cearense de Juazeiro do Norte, onde mora até hoje, ele nasceu em 20 de janeiro de 1928 numa família pobre. Os pais, alagoanos, vieram a Juazeiro como romeiros do Padre Cícero. Frequentou escola até o quinto ano primário. Depois, por causa da necessidade, trabalhou no curti-me do “finado” José Pedro da Silva. Em torno de 1945 foi contratado por José Bernardo da Silva, fundador de uma das maiores editoras de cordel do Nordeste, a Tipografia São Francisco. Escreveu o primeiro folheto em 1948.

O relatório biográfico permanece fragmentado, difuso, ele não emerge como totalidade concreta, cronológica. Expedito faz poucas confidências sobre sua vida pessoal, ele conta casos, histórias, põe em cena alguns personagens, produz efeitos dramáticos, mas o discurso não chega a ter forma autobiográfica. No entanto, uma plenitude desabrocha na fluidez do tempo; ficamos satisfeitos, repletos, com o sentimento de conhecer uma vida compacta que oferece uma prodigiosa unidade de sentido. A obra do poeta popular Expedito Sebastião da Silva, a sua existência pessoal e o universo social no qual se inscrevem são um feixe de conexões e ressonâncias intimamente ligadas. A vida alumia a obra, a produção dos folhetos faz parte integrante da sua existência, o texto e o mundo se revelam um pelo outro. Ne-

MARTINE KUNZ\*

#### RESUMO

Expedito Sebastião da Silva morreu em 8 de agosto de 1997. Foi um grande nome, e um dos últimos, do cordel tradicional em relação à temática dos seus folhetos e à visão do mundo que neles se expressa. Deixamos que o texto elaborado em 1996 permanecesse com as marcas do presente. O trabalho apresenta e comenta uma história de vida e uma obra exemplares no universo da Literatura de Cordel.

\*Doutora em Literatura Estrangeira pela Universidade de Paris-Sorbonne Nouvelle, professora do Curso de Letras Estrangeiras da UFC.

nhum elemento é fechado em si mesmo. A trajetória é exemplar no universo da Literatura de Cordel e apresenta características que regem também o ofício desses artesãos da palha ou da renda, do couro ou da cerâmica, “um segmento sem rosto e sem nome, que em nosso país sequer faz parte dos cadastros profissionais e das estatísticas oficiais”. (Porto Alegre, 1994). A aprendizagem não veio da escola mas através do meio de origem; determinadas regras que conferem uma certa

perícia técnica hão de ser obedecidas; Expedito Sebastião da Silva se fez poeta numa tipografia que funcionava como loja, oficina e lar; existe uma integração total e harmoniosa entre sua arte e a vida cotidiana. Enfim, o artista não se preocupa tanto com a originalidade quanto com a busca da perfeição e o domínio do seu ofício.

Artesão do verso, não foi na escola ou nos tratados de versificação que Expedito aprendeu a ser poeta. Ele herdou a profissão de um companheiro de outra geração, dando continuidade à tradição através de uma aprendizagem que alternava tentativas e erros. Ainda criança, ele tinha descoberto por si mesmo os encantos da Literatura de Cordel, lendo os romances<sup>1</sup> de Leandro Gomes de Barros<sup>2</sup> e João Martins de Athayde<sup>3</sup>. A amizade e vizinhança com o velho poeta Antonio Caetano de Palhares permitiu reforçar e incentivar o gosto juvenil pela poesia.



“...eu com Antonio Caetano de Palhares *fui por ali*, escrevendo umas poesias, mas umas poesias *muito erradas, não tinha ainda métrica*, só o que vinha na cabeça eu botava, isso aí... *já tinha assim uns 14 anos*, e então eu mostrava ao finado Antonio Caetano de Palhares, ele prestava tanta atenção... ele endireitava... e *por ali fui entrando, só porque achava bonito... e foi indo* até que enfim, *eu fiz um cordel*, isto é uma poesia, uma poesia comum, *uma coisa comum*, que ele pegou, quando leu, aí ele chegou e disse assim: “O cabra medonho, mas tá quase bom!”<sup>4</sup>

Nada de nebuloso ou heróico, o caminho não foi custoso ou tormentoso, “fui por ali” comenta o poeta, como se sem se dar conta, espontaneamente, tivesse acompanhado o amigo num passeio gostoso, “e por ali fui entrando, só porque achava bonito... e foi indo...” até que, naturalmente, outro amigo de Palhares, aparecesse na casa do mestre. Era o José Bernardo da Silva, dono de gráfica, editor de folhetos, dotado de bom tino para os negócios e descobridor afinado de talentos:

- “Mas você é um menino novo, rapaz e escreve até bonzinho e me diz uma coisa, você trabalha?”
- Trabalho.
- Aonde é?
- No curtume do senhor Zé Pedro da Silva.
- Quanto é que você ganha?
- 7 e 200
- Você quer vir trabalhar comigo, eu pago o mesmo, 7 e 200
- Eu vou.”

A conversa foi breve, sem muitos rodeios e tergiversações. Poucas palavras para selar um destino: Expedito Sebastião da Silva tornava-se operário da palavra, escrevendo folhetos para a Tipografia São Francisco.

Palhares já tinha ensinado a Expedito que “o que há de mais bonito na poesia é a métrica”, o convívio nesse núcleo de arte e a persistência no aprimoramento do seu talento levariam o jovem aprendiz a perpetuar a grande tradição. Ele já estava no miolo da fruta. Expedito se lembra ainda com um orgulho legítimo do seu primeiro “atrevimento”, foi quando escreveu, em poucas horas, o folheto sobre o caso da moça que depois de

morta dançou com um rapaz na capital de São Paulo. O próprio Damásio Paulo, gerente da gráfica na época, celebrou a perícia técnica nesses termos: “Você é um condenado, você vai ser um grande poeta, viu!”. De fato, as regras tinham sido obedecidas:

“A gente tem que escrever é de forma que se faltar uma sílaba na métrica, *aquela pessoa que ama, entende e sabe o que é cordel, já viu o erro daquele poeta*. O mais importante do cordel é a métrica. Uma poesia sem métrica é uma coisa inválida. *A métrica é que faz o cordel ficar bonito*”.

Esse respeito incondicional às regras da métrica nos remete às origens do folheto e ao seu caráter de oralidade, honrando um público que, na sua grande maioria, não sabe ler nem escrever. O jogo das rimas e o ritmo dessa literatura mais ouvida do que lida nos lembram que poetas e leitores-ouvintes afinam pelo mesmo diapasão. As formas foram fixadas desde o final do século passado, quando apareceram os primeiros folhetos impressos. O formato era de 11x16 cm, o número de páginas oito ou um múltiplo de oito. Na capa o nome do autor e o título da obra, uma ilustração com clichê de zinco ou xilogravura. O texto era escrito em versos e estrofes rimadas, o verso quase sempre heptassílabo e a estrofe, dominante até hoje, uma sextilha rimando todos os versos pares. De Leandro Gomes de Barros a Expedito Sebastião da Silva, passando por tantos outros poetas populares, a forma permaneceu, jogando uma ponte entre passado e presente, e passarelas infinitas entre todos os poetas. A forma rígida, dogmática, é também resistente, mineral. Uma imensa rede de versos e palavras, de rimas e vozes que prende e protege na sua forma imóvel, retém e exalta, ao mesmo tempo, uma arte ameaçada.

A arte era bem guardada naqueles anos quarenta. “Nesse tempo, diz Expedito, o cordel estava no apogeu, era uma grande elevação, era muito procurado”. Nessa pequena comunidade artesanal que era a Tipografia São Francisco, todos, a família do dono e os operários, os xilógrafos e poetas populares, revendedores e fregueses, aprendizes e mestres, jovens e velhos, todos trabalhavam de uma maneira ou de outra na transmissão da Literatura de Cordel. Expedito



fez de tudo. Começou dobrando folhetos, trabalhou na composição e impressão, acertou negócios no balcão, nunca deixou de revisar todos os “livros”, e assumiu a gerência da gráfica no final dos anos cinqüenta. Ele não podia ter encontrado mirante melhor situado para descobrir o gosto do seu futuro público. Nesse contexto de fervor e companheirismo, Expedito fincou o pé e a alma. Testemunha ativa da grande saga, ele acompanhou de perto as transformações e a queda do cordel e a desativação progressiva da gráfica, rebatizada Lira Nordestina quando seu esplendor já fenecia. Entre o rangido contínuo das máquinas e as gavetas repletas de folhetos, entre a mesa de encadernação, o balcão de venda e o momento da merenda, foram mais de quarenta anos.

“Eu fico triste, eu olho assim, ali os originais tudo de histórias boas, me lembro daqueles velhos tempos, então aquilo me dá assim *uma certa tristeza*, uma melancolia, mas... *só o que é peregrino é o poder de Deus, mais nada, o resto tudo é palhaçada.*”

Quanto excesso na simplicidade, paz e nobreza no cumprimento de seu tempo. Um tempo dilatado por uma certa lentidão do gesto, do olhar. Não houve dispersão nessa geografia repetitiva, limitada, conhecida, e mesmo assim ele parece ainda passear “por ali”, como se fosse por acaso. O novelo do cotidiano se desenrolou, linear, idêntico, os passos de hoje nos passos de ontem. O corriqueiro tornou-se ritual. O eterno chapéu de feltro virou escudo. Expedito Sebastião da Silva é tão próximo de si mesmo, do que ele é, que é impossível distinguir a arte da vida. Tudo se tornou essencial, a insignificância da rotina, o prazer e o vigor da criação.

No conjunto da obra descobrimos o arcabouço da personalidade do autor. Dois princípios essenciais norteiam a sua produção: o respeito às regras estabelecidas e o cumprimento da grande prescrição: agradar ao público. Afirma o poeta que sem esses preceitos de ordem formal e ético, não há beleza. Estética e moral andam juntas. Longe de tolher a dignidade do poeta, a submissão às normas alimenta o orgulho de pertencer a um coletivo. A filiação não só é reconhecida como reivindicada.

“... para as camadas populares o conceito de *artista* está relacionado à idéia de competência, de domínio da arte. (...) a singularidade da condição artística que se procura afirmar pela intenção da originalidade, a figura do criador solitário, carece de sentido, pois para o artista popular, o fundamental não é ser *diferente, único*, mas sim *atingir a perfeição*,...”. (Porto Alegre, 1994).

Lembrando o primeiro romance escrito por ele e que foi sucesso de público *O Prêmio da inocência* (1974a), Expedito contracenava com seu Zé Bernardo:

“Expedito, quem vê assim pensa que é de João Athayde, aí eu disse: sabe por quê? É que eu me inspiro muito nas estórias dele. Eu lia muito, aí a gente fica com aquela base concreta que a gente não foge... o indivíduo já tem a veia poética, aqui ali vai pra cuca dele, depois de penetrar dentro do indivíduo, ele não esquece jamais.”

O poeta não manifesta a menor preocupação em demarcar a sua obra do conjunto da Literatura de Cordel. Levada às últimas conseqüências, essa discrição de quem é consciente e seguro do seu talento, converte-se em despreendimento excessivo e perigoso quando se trata da identificação e preservação da sua produção. Expedito Sebastião da Silva escreveu aproximadamente 200 folhetos dos quais, a duras penas, conseguimos juntar 62 de diferentes coleções privadas e públicas. O próprio autor não guardou nenhum original e todos os direitos autorais foram vendidos. A sua fala mansa e tranqüila confirma:

“Eu não ligo não de juntar esse negócio de originais. Nunca liguei não. Olha, pra melhor lhe dizer, eu escrevia esses folhetos anteriormente, nunca botava meu nome em capa de folheto. O velho Zé Bernardo ficava grosso comigo. Escrevia só por esporte. Como hoje mesmo, ainda escrevo por esporte.”

Uma vez conquistado o domínio do ofício, tudo transcorre como se a competência tivesse a forma, a força, a evidência da autoria. A perfeição na tradição dignifica mais do que a manifestação de uma singularidade. O verzejador irrepresenta-



ensível chega a passar à frente do poeta inspirado quando recebe encomenda de folhetos.

“*Eu posso tratar de qualquer assunto, qualquer coisa. O meu sistema de escrever é um só, sendo em cordel é um só.* O poeta está à disposição de quem quer que seja que necessita da poesia dele. *Isso aí não desvirtua o prestígio do poeta,* ele está aí pra isso, pra escrever. (...), tanto faz de propaganda como história de fato acontecido, como sendo um fato político, o que vier eu não estou escolhendo.”

De panificadora a fábrica de bebidas, passando por campanhas eleitorais, esses folhetos não constituem a parte mais interessante da obra de Expedito, mas são bem representativos da sua habilidade. Profissional da rima, ele não demonstra o menor constrangimento em versejar as qualidades de candidatos políticos pleiteando cargos de vereador ou prefeito em Juazeiro. Trata-se de ser persuasivo, qualquer que seja a bandeira ideológica, e o panegírico não oferece muitas variações. Com a bênção do Padre Cícero, os eternos futuros benfeitores do povo revelam um toque de religiosidade, uma pitada de ordem e progresso, uma pincelada de bom-mocismo, um fervor de obreiro e uma boa dose de profunda simpatia pelos humildes. Profissional da comunicação, o poeta conhece muito bem o universo referencial dos eleitores pobres, suas crenças e comportamentos. Estudo de mercado e pesquisa de motivação são dispensados. A argumentação deve levar o público a agir, quer dizer a votar certo. A conclusão é verbalizada para evitar qualquer dúvida. A função injuntiva do discurso publicitário é manipulada com absoluta maestria. Esse ramo comercial do folheto de encomenda confirma que poesia é também trabalho e sobrevivência. Embora nesses casos pontuais sua arte não passe de mera mercadoria, Expedito não reduz a sua obra a um simples intuito mercadológico.

“A poesia é o seguinte, *é um dom divino,* o indivíduo já nasce com ele, aí ele chega, *puxa pra aquele caminho* até que ele chega a ser um poeta mesmo, porque *ele tem aquela vontade e não foge.*”

Poeta é aquele que sabe conjugar o impulso misterioso e a sua determinação. Poesia é criação inspirada, mas também, e sobretudo, lucidez, do-

mínio, construção, inteligência e imaginação. Boa poesia é aquela que agrada ao público.

“... a pessoa tem que *fazer a coisa como ela há de ser e no gosto do povo,* a gente escreve não é pra gente, é pra o povo. Se eu vou fazer uma história, não vou fazer de acordo com o que eu gosto não, faço de acordo com o que o povo gosta, porque eu sou escritor, *eu não vou escrever a história pra mim, escrevo pra o povo.*”

Mais uma vez o coletivo suplanta o individual. De acordo com esse voto de devoção ao gosto popular, valentia e gracejo, religião e amor são temas dominantes na obra de Expedito.

O valente de Expedito Sebastião da Silva é nordestino e sertanejo, ele evolui no meio de fazendas e mandacarus. A primazia da sua força física e o vigor do seu temperamento destemido são postos a serviço do melhor e do pior, do divino ou do demoníaco. Aos heróis da atualidade, construídos pela mídia, descartáveis, intercambiáveis, consumidos e esquecidos no mesmo instante, o poeta prefere o herói que segue o seu destino com uma constância exemplar, aquele que nunca se aposenta nem se torna enfadonho. Ele come feijão mas é arquétipo, ele é músculo e abstração, ele tem a força de uma idéia. Lampião aparece, é claro. Bárbaro e simpático ao mesmo tempo, ambíguo, é devoto do Padre Cícero mas tem pacto com o demônio.

“Da vida dele só conto trechos que chamam atenção de acordo o que ouvi contado pelo sertão e baseado no livro *Façanhas de Lampião.*” (E.S. da Silva, 1988)

A intenção expressa era de contar a história verdadeira do cangaceiro, mas a narração escapa logo à vontade do historiador, o bandido rouba a imaginação de Expedito.

A verve criativa do poeta e o seu pendor moralizante desabrocham de vez, quando o valente, herdeiro das virtudes de Roldão e Oliveiros, deruba e extermina o valentão: Em *Sandoval e Helena ou a fera do Paraná* e *O Lobo do Amazonas ou Lindomar e Jacira*, folhetos de “pura criação”, capas e títulos deixam pensar que teremos direito a uma bela história de amor. Leve engano. O ma-



cho resplandece de ponta a ponta, não há cenas líricas e entre estupros e castrações, o erotismo é mais do que rude. O autor notifica um amor à primeira vista numa sextilha concentrada, mais tarde um beijo relâmpago abre o portal da eternidade. O amor é secundário, só serve para insuflar coragem ao herói inabalável e alimentar a pungência da intriga.

“Luta, trama, sofrimento  
perseguição, amor, glória  
surpresa, bravura, ódio  
cruzeza, morte e vitória  
tudo isto o leitor vê  
no decorrer desta estória.” (E.S. da Silva, 1976)

O enredo tem uma dinâmica parecida nos dois folhetos. Tudo começa com a seca e a guerra pela sobrevivência. O herói cearense se vê condenado a viver fora do seu centro. Sandoval vai a um cafezal do Paraná, Lindomar, a um seringal do Amazonas. Revoltados pelo sistema escravocrata de trabalho, os justiceiros enfrentam administradores, cabras e capangas e restabelecem a justiça social. O exílio trágico virou epopéia e ficção compensatória do sofrimento de gente miúda. A glória é de todos e foi perseguida em ritmo de filme de aventura.

Pairando sobre esse mundo de ciladas e perfídias, o Padre Cícero herói carismático e pacífico, pertence à temática religiosa do poeta entre episódios bíblicos, profecias e aparições. O padre taumaturgo de Juazeiro do Norte é fonte inesgotável de inspiração em toda a Literatura de Cordel. Filho de romeiros e devoto do “Padim Ciço”, Expedito Sebastião da Silva não podia deixar de reverenciar o soldado de Deus.

“Tenho uma fé inabalável nele, porque eu vi muitos milagres que aconteceram, e outros de romeiros, eles contavam grandes milagres operados por ele e eu então não desacreditei e nem desacredito o que eles disseram.”

“E sobre os grandes milagres  
que foram por ele obrados  
vou relatar sobre alguns  
que a mim foram contados  
por velhos daquela época  
que os tem memoriados.” (E.S. da Silva, 1986)

Como tantos outros bardos do sertão, o poeta nos oferece mil e um milagres em troca daquele que foi vetado, censurado pela Igreja Católica Apostólica Romana<sup>5</sup>. A vingança é jocosa. Vai do jeitinho ao prodígio: casos de adivinhação, dom de ubiqüidade, curas inesperadas, conversões espetaculares, salvações inopinadas. O poeta se delicia. Em poucas estrofes um milagre, em poucas páginas um acúmulo de maravilhas. O papel foi escrito sob medida para o principal ator, não há tempo morto e há muitos “coups de théâtre”. É milagre de vedete e interpretação de “star”. O modo espontâneo, sem pomposidade como é tratado um assunto tão prestigioso traduz o quanto o sagrado é intrincado no profano: o espantoso vira rotineiro e o poeta apropria-se do santo sem maiores rodeios, lembrando assim que poesia e religião são para ele exercícios cotidianos de vida. Mas Expedito destaca-se do resto dos poetas quando resolve engajar-se nas questões polêmicas em torno do grande sacerdote. Deixando de lado biografias, milagres e profecias, ele soube, em nome dos romeiros e a pedido deles, engrossar a voz, abandonar a postura de cidadão pacato e quebrar o pacto com o seu eterno bom humor. Foi quando a Igreja Brasileira canonizou, por sua conta, o Padre Cícero sob os protestos da Igreja de Roma e o repúdio de muitos romeiros.

“Romeiros da mãe de Deus  
essa canonização  
que a Igreja Brasileira  
fez, não tem efeito não  
é uma trama ilusória  
que fere a santa memória  
do Padre Cícero Romão.” (E.S. da Silva, 1973)

A indignação torna-se eloqüente, de modo ponderado e longe de qualquer sectarismo, o seu texto é um convite à reflexão. O assunto é grave, o tom compenetrado, a paixão contida. Se as homenagens impróprias e oportunistas irritam o poeta, ele toma-se de fúria quando alguém ousa difamar o “Santo de Juazeiro”. Nos folhetos *Em defesa do Pe. Cícero* “O Apóstolo do Nordeste” e *Verdades incontestáveis ou A voz dos romeiros*, Expedito ataca quem calunia. Os réus são padres, no entanto não há título sacerdotal que consiga inibir o sentimento de repulsa e o ímpeto de raiva do poeta. Ordenados ou



não, os clérigos são suspensos de ordens, sem bula papal nem direito de resposta. Expedito ergue-se como o advogado de defesa de Maria de Araújo, leiga, pobre e mulher, cujo nome quase nem aparece no conjunto dos títulos sobre Padre Cícero. O poeta, decididamente, não questiona a ortodoxia da crença na origem divina do milagre e fecha a questão com certa indiferença e altivez:

“Pe. Gomes me perdoe  
eu só disse o necessário  
Deus me livre de falar  
e maltratar um vigário  
a vingança dos romeiros  
é só rezar o rosário.” (E.S. da Silva, 1956)

Desempenhar o papel de justiceiro não é a preocupação maior de Expedito Sebastião da Silva. Uma ponderação natural, um certo equilíbrio entre adesão e reserva o retém de levantar bandeiras ideológicas ou confessionais ou de preconizar determinados preceitos éticos. Como em toda Literatura de Cordel, há um certo intuito moral que perpassa a sua obra, mas a intenção expressa, reiterada, imperativa do autor é o entretenimento. O grande desafio é agradar ao público. Para isso o RISO e o AMOR.

“Eu faço aquilo dali pelo um divertimento, entende? Assim como uma brincadeira. Eu não acho de sacrifício escrever não. *Eu não faço nem tanto visando o dinheiro mas o gosto do público*, que é isso que eleva o poeta, é a aceitação do povo. Agora eu dou preferência ao amor, ao sofrimento, mas também sendo assim de bagunça, de humor, eu gosto imensamente porque sou um pouco humorístico, viu!”

Rir e chorar são as duas faces de Jano do princípio-mor do nosso poeta. Deixamos as lágrimas para o final. A recomendação inicial do livro de Gargantua poderia servir de aviso ao leitor para os folhetos do ciclo lúdico. “Mieux est de ris que de larmes écrire, Pour ce que rire est le propre de l’homme”. O folheto *As consequências do peido* explora um tema escatológico bem ao gosto da linguagem rabelaisiana.

“Eu conheço um rapazinho

que numa noite peidou  
na festa dum casamento  
na sala ninguém ficou  
o que foi de carrapato  
que tinha ali se acabou.” (E.S. da Silva, 1990)

O realismo grotesco dos episódios pestilenciais não demonstra nenhuma vontade de edificação do leitor. Não podemos vislumbrar a menor intenção de aperfeiçoamento moral. É farsa absoluta. Nada sério. O herói musculoso ou religioso cede o passo ao anti-herói. A malícia impera. É a vez de Pedro Malazartes, primo do espanhol Pedro de Urdemalas. É o “campeão das travessuras”, “cheio de diabruras”, dono de uma insuperável preguiça, apimentada pela gula da sua sensualidade imprevisível.

“Das histórias de proesas  
lidas em todas as partes  
talvez não haja nenhuma  
jocosa e cheia de artes  
que chegue a se comparar  
a de Pedro Malasartes.” (E.S. da Silva, 1974b)

Feio e covarde, ladrão e mentiroso, uma mansa crueldade transparece no assassino pacato e no estuprador dolente. Criado do diabo e amante da vida, ele termina casado com uma princesa e torna-se rei de uma nação. A inversão carnavalesca é geral: Pedro revela-se inteligente e ordeiro. O riso terá intenção satírica ou trata-se apenas do delicioso prazer da incoerência? Mas nem sempre o bufão toma o lugar do rei. No folheto *As aventuras de Lulu na capital de São Paulo*, o matuto bobalhão permanece até o fim da história impenetrável a qualquer faísca de inteligência. O seu espírito mergulha na mais profunda indignação. A gesta urbana esquece o épico nas primeiras estrofes. A tipificação farsesca do nosso caipira e a mecânica imutável da sua pobreza mental reforçam o cômico cuja eficácia é assegurada pela repetição do mesmo tipo de bobeira. O fracasso é quase total.

“Dizia ele: – Mil vezes  
seguir para o cadafalso  
do que viver entre estranho  
cumprindo um destino falso



sem chapéu e sem dinheiro  
agora por fim, descalço!” (E.S. da Silva, 1978a)

Ao lembrar a história de Lulu, Expedito ri ainda hoje, riso catártico de moleque cearense que sabe rir da desgraça, inclusive da sua. Embora haja sempre no riso um caráter desagregador do equilíbrio social, esse riso é transparente, mais eufórico do que satírico. Não há nada o que debater. Mas a voz embarga, o olhar parece compadecer uma dor alheia se o poeta falar de *O segredo de Verônica*, *A louca da sepultura*, *O calvário de uma mãe ou o amor de Albertina*, *História de Adriano e Joaninha*, e outros poemas de amor e dor. A mesma magia simpática aproxima o poeta do carrasco e da mãe sofredora, do covarde e do valente, do santo e dos amantes. E como um ator de teatro que sai à procura do outro e encarna o personagem.

Nos antípodas de um mundo obcecado pelas imperfeições técnicas e as crises do acaso, Expedito Sebastião da Silva se move num universo onde ainda se fala em Deus e se acredita no Destino. Não pode haver dúvidas frente às grandes emoções fundamentais que todo mundo conhece. O amor é soberano e os amantes travam uma luta impiedosa para vencer as dificuldades que os impedem de ser felizes. Do começo ao fim do caminho, é Deus que ordena as estrelas de cada um:

“Cada vida é um destino  
de impenetrável sigilo  
não há na terra quem possa  
desvendá-lo ou corrigi-lo  
somente o Divino Mestre  
é quem sabe defini-lo.” (E.S. da Silva, 1978b)

Os amantes não podem viver um sem o outro e enfrentam por isso uma pletera de tragédias no percurso da vida: separação, exílio, fuga, aprisionamento. Mesmo assim, é impossível trair o amor e afinal, a passagem se faz do “antro amargurado” da vingança, da violência e do ódio ao “reino encantado” do amor e da paz.

“Nesta história se vê  
combates comovedores  
amor, ternura, tragédia  
perseguições e rancores

nela tem tudo que agrada  
a meus queridos leitores.” (E.S. da Silva, 1980a)

O apelo é lançado. A sina é divina mas a arte é do grande contador de histórias que sabe chamar a atenção do seu público e prendê-la até o desfecho final. Redundantes, superlativos, paroxísticos: os títulos funcionam como chamada. *Os sofrimentos de Selma (ou Fruto da traição)*, *O Prêmio da inocência*, *O Suplício de um condenado...* o drama prometido será total. A abertura, sintética e eficaz, introduz a história narrada na terceira pessoa e no tempo passado:

“Aconteceu em Paris  
este drama comovente  
há mais de duzentos anos  
onde vê-se claramente  
padecer numa prisão  
um pobre homem inocente.” (E.S. da Silva, 1974c)

Como nos contos da infância, os personagens e os lugares são fora do comum. Em épocas distantes, Paris, Milão ou México acolhem um leitor em busca de evasão. Cenário desconhecido e nome prestigioso: a cidade parece feita para abrigar amores desmedidos e personagens fascinantes, soma de modelos ideais. Na verdade, mal se vêem os personagens, só se vê o amor. São homens e mulheres de ação que pertencem a Deus, eles não têm uma grande profundidade psicológica. O retrato é simplificado ao extremo e facilita a identificação, os sentimentos viram logo paixões: Ele é doce como carneiro e valente como leão, é virtuoso como não pode sê-lo. Ela é bela, antes de tudo bela. Anjo de candura, ela galvaniza o macho, a sua pureza incendeia o coração do herói e a libido do inimigo. O seu gosto pelo sacrifício é genético, inevitável, natural. Tipos fixos, nós os reconhecemos de um folheto a outro, eles são familiares e a nossa atenção se volta então, inteira, absorta, para o enredo. Um enredo sofisticado, engenhoso que corre e tropeça, termina e recomeça ao longo das 16, 32 ou 40 páginas, alimentando romances de muito fôlego. A sensibilidade é barroca pela narração transbordante, pela profusão de ações e paixões, a exuberância das histórias diversas, múltiplas, sempre renovadas. O



mundo instável quase que titubeia entre ilusão e verdade, aparência e realidade.

Mas o poeta é vigilante e virtuoso, domina a complexidade da intriga, a brusca reversão das situações, a cascata de incidentes extraordinários, as peripécias do eterno conflito entre o puro e o monstruoso. Entre culpa e perdão, amores à primeira vista e espadas cravadas em corações imundos, Expedito não se perde no caminho, não conta sob a inspiração do momento para conduzir a história, e quando o herói é impedido de aparecer, um desvio providencial da intriga terá que resolver um conflito insolúvel.

“Se for fazer um livro, e não fazer um roteiro, aí ele se bombardeia. Tem que saber como termina, fazer o roteiro, tudo enfim. *Tem que traçar logo a estrada pra saber pra onde vai, pra chegar no final.* O poeta que vai escrever e não sabe como é o final, ele só escreve errado, foge e muito da mira da história.”

O talentoso fabulador não perde o fio das suas histórias rocambolísticas. A verossimilhança é relegada ao segundo plano, não se trata de parecer verdadeiro, mas de fazer com que a fantasia convença. E convence. Expedito pega o leitor na primeira estrofe e o larga na última, exausto de emoções. A razão não foi contemplada com lógica e coerência mas a imaginação foi premiada com invenção e coesão. O leitor é raptado, aprisionado pela narrativa linear e ansioso de chegar ao fim, ele fica envolvido nessa dinâmica cinematográfica, concentrado, tenso, apreensivo do que vem a seguir. A precipitação da ação não permite o distanciamento reflexivo. Implicado, ele queria estar à frente da intriga, a astúcia do autor não o permite. Nenhuma estrofe morde a seguinte. Os enigmas são múltiplos, cada um é elucidado no seu tempo, todos têm um fim. E parece natural. A transparência prevalece. Os personagens fazem revelações bombásticas em falas curtas, como se fosse no teatro; cenas apocalípticas são relatadas mas uma cortina rápida já nos leva para outras; há um acúmulo de cadáveres mas não exalam o cheiro da morte; o patético é acentuado mas o melodrama nunca vira tragédia. Enfim, nesse mundo povoado de assassinos, estupradores, blasfemadores, ladrões, onde nenhuma redenção pa-

rece possível, onde os bons enfrentam todas as perseguições imagináveis, nesse mundo entramos e saímos, liberados no final do percurso, empanurrados de ação, consolados e confortados pelo “Happy End”.

“Sempre eu gosto de um desfecho que agrada. Quando eu escrevo, já sei como é o final da história. Puxo diretamente pra morrer naquele ponto de vida”.

Um “ponto de vida”, é exatamente isso que nos oferece Expedito Sebastião da Silva. Como nos folhetos de gracejo onde mesmo quando o mundo está de cabeça para baixo, o bom humor sobrevive, nos romances de amor, frente a mil e uma adversidades, quando o suicídio coletivo seria uma boa saída, os personagens preferem a vida. O “ponto de vida”, não é tanto o casamento da moça, mas o reencontro de duas pessoas que se amam. O casamento final é fator de coesão social e obedece à moral vigente, mas o reencontro afirma que o amor é um valor em si. É um amor além dos amores, é fatal mas não tirânico, é emulação, libertação, fonte de glória e heroísmo. É ele que move os personagens, ela e ele também. Ele tem sentimento, ele ama e sofre com generosidade. Ele chora até, e escapa ao clichê paleolítico do macho. Ela ama com o mesmo ardor e a sua coragem é masculina.

“Quando dois entes se amam  
com um verdadeiro amor  
os dois corações se unem  
vnum só destino amador  
se acaso um padecer  
o outro é quem sofre a dor.” (E.S. da Silva, 1980b)

Expedito Sebastião da Silva escreveu todas as histórias “nascidas” por ele, sob o signo dessa telepatia amorosa dos amantes. A sintonia providencial da sua temática com a sensibilidade do seu público tradicional dá lugar a uma literatura fraterna. Espontaneamente fraterna. A obra é naturalmente solidária ao leitor e conta com a sua adesão. Adesão de amigo e não de consumidor. A palavra é ponte, ligação e, mesmo inserida numa forma fixa e rígida, flui simplesmente, como se



não fosse inventada. Precisa muita arte para atingir a simplicidade e a comunicação feliz duma literatura que parece estar à escuta do seu leitor.

Artesão/Artista, o poeta nasce sob os auspícios da tradição e renasce no sopro da criação inaugural. Como verdadeiro artista é uno e singular. Tem o peso da memória no ritual da escrita, a pungência do verbo no impulso da criação.

É artesão, é poeta, é pedra, é paixão.

## NOTAS

1. Romance: os revendedores costumam chamar folheto a publicação de oito páginas e romance a de dezesseis ou mais.
2. Leandro Gomes de Barros: Pombal – PB, 1865 – Recife – PE, 1918.
3. João Martins de Athayde: Ingá – PB, 1880 – Recife – PE, 1959.
4. Todas as declarações de Expedito Sebastião da Silva são trechos de entrevistas concedidas em Juazeiro do Norte de 1986 a 1992. O grifo é sempre nosso.
5. O milagre de 1889 (quando a hóstia se transformou em sangue na boca da beata Maria de Araújo) é considerado a pedra fundamental do movimento religioso de Juazeiro, que durou quase meio século, de 1889 a 1934, quando morreu Padre Cícero. O choque aberto entre a religiosidade popular e a religião oficial da Igreja dominante não conseguiu impedir que, até hoje, romarias e peregrinações continuem em Juazeiro do Norte.

## BIBLIOGRAFIA

- PORTO ALEGRE, Sylvia. (1994), *Mãos de mestre: itinerários da arte e da tradição*. São Paulo, Maltese.
- SILVA, Expedito Sebastião da. (1956), *Verdades incontáveis ou a voz dos romeiros*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 16p.
- \_\_\_\_\_. (1973?), *A Opinião dos romeiros sobre a canonização do Pe. Cícero pela Igreja brasileira*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 8p.
- \_\_\_\_\_. (1974a), *O Prêmio da inocência*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 40p.
- \_\_\_\_\_. (1974b), *As diabruras de Pedro Malazartes*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 32p.
- \_\_\_\_\_. (1974c), *Suplício de um condenado*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 32p.
- \_\_\_\_\_. (1976?), *Sandoval e Helena ou a fera do Paraná*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 16p.
- \_\_\_\_\_. (1978a), *As aventuras de Lulu na capital de São Paulo*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 16p.
- \_\_\_\_\_. (1978b), *O segredo de Verônica*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 40p.
- \_\_\_\_\_. (1980a), *Adriano e Joaninha*. Juazeiro do Norte, Tipografia Lira Nordestina. 16p.
- \_\_\_\_\_. (1980b), *A louca da sepultura*. Juazeiro do Norte, Tipografia Lira Nordestina. 40p.
- \_\_\_\_\_. (1986), *Os milagres do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte, Tipografia Lira Nordestina. 16p.
- \_\_\_\_\_. (1988), *Trecho da vida completa de Lampião*. Juazeiro do Norte, Tipografia Lira Nordestina. 32p.
- \_\_\_\_\_. (1990), *As conseqüências do peido*. Juazeiro do Norte, Tipografia Lira Nordestina. 8p.